

Minha mãe filha de Zeca Déda, para beijar minha tia Maura, que também é filha de Zeca Déda, para beijar a tia Malô que também é filha de Zeca Déda, para beijar a tia Helena que também é filha de Zeca Déda e para beijar tio Beto, Doutor Carlos Alberto Déda. Para beijar Toinho, Antônio José Flamarion de Carvalho Déda, recém eleito vereador no município de Lagarto e um dos coordenadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais dos Sem Terra do Estado de Sergipe, beijar Albérico Déda, também meu tio, também filho de Zeca Déda, o mais novo de todos os filhos. Quero cumprimentar todos os netos de Zeca Déda, na pessoa do prefeito eleito de Simão Dias, Dênisson Déda. Quero saudar a minha esposa Eliane Aquino, quero abraçar o secretário da cultura professor Luiz Alberto e em seu nome cumprimentar todos os secretários de estado aqui presente, quero saudar o presidente da academia sergipana de letras Doutor Anderson Nascimento.

E dizer da minha emoção, da dificuldade de em um momento como esse, calar o neto para que fale o governador. Hoje nós estamos aqui para celebrar da maneira mais significativa possível 110 anos de nascimento, na cidade de Paripiranga, na Bahia, de José de Carvalho Déda, e quarenta anos do seu falecimento. Como governador me caberia comentar a contribuição deste grande homem para a vida pública sergipana, homenagear a coragem cívica do intelectual interiorano que, entre uma conversa e outra com seus clientes de advocacia, encontrava tempo para editar um semanário na minha querida Simão Dias, lembrar o intelectual que coletou manifestações tão singelas e tão belas da cultura popular do meu estado, falar do parlamentar atuante que ocupou por três mandatos uma cadeira da Assembléia Legislativa.

Mas não há protocolo que sufoque a alma do neto, em benefício das obrigações do governador, não há como negar, que o pai da minha mãe, José de Carvalho Déda, foi ao longo da minha infância e da minha adolescência, na sua ausência, a mais marcante presença intelectual da minha vida. Para mim ele era papai Zeca, para mim e para todos os netos. Minha avó, Maria Aciolly era mãe Sinhazinha, era assim que nós todos os tratávamos. Para mim, ele será sempre, a imagem do menino, que o viu morrer literalmente, por que quando ele teve o infarto, foi minha tia Nice com quem eu morava em Simão Dias, na

época, que deu o primeiro socorro, eu o vi no leito de morte momentos antes de espirar.

É lembrar, portanto, o homem com quem eu pouco convivi, mas lembrar aquele homem de capa, de chapéu, com um guarda-chuva e uma pasta de couro saindo da tipografia atravessando a Rua do Coité e entrando na casa de minha tia para cortar caminho em direção a sua casa. É lembrar o gesto daquele homem que viu o neto desenhando, afagou os cabelos, pediu o desenho, mostrou a Nice, e saiu, e uma semana depois voltou com uma coleção de lápis de cor e aquarelas, como um presente e um estímulo ao desenhista de personagem de filme de caubói.

É lembrar o cheiro forte da tinta na tipografia e a história que se contava que, quando os netos iam mal na escola, ele levava para tipografia, como fez com Cacau uma vez para mostrar a rotativa que era manual, uma máquina alemã do século XIX e dizer que a alternativa ao estudo era acionar a roda da impressora da tipografia da semana. É me lembrar dos dias de sábado, quando eu e Marquinhos, meu primo, nos encontrávamos e descíamos ali a Rua do Comércio e parávamos na porta da tipografia, onde ele se encontrava sentado no seu birô e entoávamos a mesma ladainha todo sábado: “Papai Zeca, me dê dinheiro para comprar boi de barro”.

É lembrar das viagens a Aracaju, raras, mas uma delas que nunca saiu da minha memória, eu e meu pai Manoel Celestino Chagas, com ele numa rural fretada, e a coisa que eu guardo dessa viagem, era o barulho da piçarra batendo no chassi do carro parecendo uma lenha quebrando. É lembrar o cheiro das maçãs, que ele trazia de Simão Dias para Toinho, o filho na época mais novo que é Albérico ainda não tinha nascido, ele morreu e deixou a mãe de Albérico gestante. Me lembrar que eu ia com Nice para casa e ele chegava lá, desarrumava aquelas maçãs, e aquele cheiro de maçãs invadia, não era aquela sala, a minha impressão, era que aquele cheiro de maçã invadia a casa, invadia a rua, invadia a cidade. Simão Dias inteira recendia a maçãs argentinas enroladas em papéis azuis-violeta e a voz dele dizendo: “Toinho, dê uma maçã a Marcelo”.

É me lembrar do artesão, do carro que fez para Toinho, acionado aos empurrões, mas um carro perfeito: quatro rodas, a carroceria de madeira. É lembrar aos presentes, que todos os netos de Zeca Déda que alcançava ele

vivo, ganhava um Mané-gostoso, que é um fantoche que você aciona pressionando as duas tábuas laterais. Com essa pressão desenrola-se um cordão e a marionete executa movimentos similares a um trapezista de circo. E é me lembrar que no dia em que ele morreu, eu pensei que ele tinha morrido por minha causa, porque eu tava com Nice até cinco horas da manhã, e ele disse: “Nice, vá para casa, porque Marcelo está com sono e eu já estou bem melhor” e nós saímos. E uma hora depois meu pai batia na porta da casa de Nice, para dizer que ele voltara a ter outro ataque e que agora tinha sido fatal, e eu passei uma parte da minha infância perguntando a Marquinhos se eu tinha sido culpado, Marquinhos malvado, muitas vezes dizia que eu tinha sido.

Mas o fato é que a nossa convivência, a minha, a de Marquinhos, menor ainda o Dênisson, muito pouco, menor ainda o filho, Antônio José e muito menos Albérico que nem o viu vivo, nasceu uns três meses depois do seu falecimento. A convivência pessoal, portanto, é esse quebra-cabeça de pequenas lembranças, de pequenas emoções que se juntam para formar o perfil humano, mas distante. Humano, mas distante.

Eu só vou me reencontrar com este homem algum tempo depois. Me reencontrar com ele talvez no espaço mais simbólico da sua existência, na biblioteca que meu tio Beto levava praticamente completa para a garagem da sua casa em Simão Dias. Ali, o amor do filho, a idolatria com que Beto cultivava a memória de Zeca Déda, transformara uma garagem quase que num templo à maneira dos xintoístas, que cultivam a memória dos antepassados. As espingardas de caça, a roça de cartucho, as duas, pica-pau de matar passarinho, um torno, que ele usava para alinhar as suas ferramentas de trabalho, o velho birô, uma radiola de manivela, que ele próprio fizera, a partir da máquina que trouxera de Aracaju e estantes que enchiam os dois lados da parede, com obras de todo tipo, do romance à ciência política. Lembro-me, com clareza, de uma biografia de Lênin, escrita por Lyanov, a esposa de Lênin, uma edição de 1927, 1928. Lembro-me de um texto de Stalin que estava lá perdido e de uma coleção dos livros de Pitigrilli, um intelectual italiano, que escrevia crônicas e que tinha um romance chamado Cocaína, que ele gostava de ler porque como ele manejava com muita competência a ironia. Tinha em Pitigrilli, um autor crítico, certa inspiração para as suas tiradas. Ali, eu via um dos textos de petições consertadas com a letra dele. Ali, eu li Simão Dias, de Alina Pain, com lápis vermelho de Zeca Déda identificando cada personagem que era citado no romance. Ali, eu tive o deslumbramento de

penetrar numa proto-obra do ocidente, como nós o conhecemos hoje, que é o romance pioneiro de Miguel de Cervantes Saavedra, Dom Quixote, as aventuras do fidalgo engenhoso Dom Quixote de La Mancha, uma edição de capa dura, papel bíblia, com ilustrações de Gustavo Del Rey, aos 15 ou 16 anos.

Essa convivência, não com o Zeca Déda físico, mas com o legado intelectual de Zeca Déda, terminou me acompanhando ao longo do tempo, às vezes na casa de Artur, lendo para as empregadas os textos poéticos do Brefaias e Burundangas, especialmente a história do Maçom, do Lobisomem e o canto Saudade do Carreiro. As moças paravam de trabalhar na cozinha, e eu ficava lendo, para a alegria delas, de tia Estela e de Nice, que freqüentava como hóspede, me levando de contra-peso, à casa de Artur ali na rua de Boquim.

Essas lembranças todas, para dizer aos senhores, que este homem foi um grande sergipano, mesmo tendo nascido na Bahia, e este homem construiu suas vocações com uma dedicação intensa, com desprendimento indiscutível. Quando morreu, ao contrário da tradição política, não possuía terras, não tinha propriedades, tinha duas casas em Simão Dias e a tipografia, com todos os seus equipamentos.

Era para a cidade de Simão Dias quase que um totem vivo a quem a cidade recorria para as discussões culturais, para os debates intelectuais, as discussões de direito, os comentários da política, já que ele morreu dez anos depois de ter abandonado, completamente, a militância eleitoral.

Foi um parlamentar que honrou a Assembléia Legislativa, foi um escritor que revelou um imenso afeto, carinho e compaixão pelo povo simples. Um intelectual por ser intelectual, ou um curioso por ser curioso, não seria capaz de produzir as páginas desse livro, chamado Brefaias e Burundangas do folclore sergipano, se não sentisse compaixão no sentido mais ontológico da expressão, isto é, se não comungasse o fatos, as paixões, os sofrimentos, as alegrias da alma do povo. Como, um frio intelecto, justifica as lembranças que ele tem do cego João Canário de Oliveira, “Pau que amarga, flor que cheira, poeta em Itabaiana, namorava em Laranjeiras”, lembrando-se do cego que na sua meninice preenchia as suas manhãs de sábado na feira, cantarolando os seus repentes, em troca de moedas nas feiras do Riachão, nas feiras de Simão Dias, nas feiras de todo o sertão sergipano.

Como alguém escreveria, “Saudade do Carreiro”, onde ele incorpora no eu poético a figura do próprio tangedor de boi, a mais modesta das figuras do engenho e transforma, quase que num herói, reinando sobre o gado, reinando sobre um reino tão diminuto, a mesa de um carro de boi e quatro bois para puxá-la. Mas dono de uma honra que só as gestas medievais registram similar, brigando quase com um destacamento de polícia para que o facão do dono não fosse tomado dele e ele voltasse desonrado para o feudo para prestar satisfações ao senhor do engenho.

Como escrever aquilo só pela curiosidade intelectual? Sem amar aquele povo, sem entender aquelas paixões, sem ser solidário à forma sutil e ao mesmo tempo profunda, como homem pobre, como homem trabalhador, como campônio constrói a sua história e ao construir a sua história constrói a história do mundo. Era preciso, mais do que a curiosidade distante, era preciso uma comunhão intensa do observador com as manifestações culturais que registra.

Essa obra é uma obra que já tem o seu lugar numa biblioteca das obras primas da inteligência e da cultura sergipana. O seu amor por Simão Dias está traduzido na obra que ele modestamente chamou “Simão Dias: Fragmentos da História”, porque foi uma encomenda do Desembargador Gervásio Prata ao seu grande ídolo Carvalho Neto, ainda parente distante, era uma obra para ser feita coletivamente, ele iria fazer a pesquisa para depois Carvalho Neto alinhar o texto. Morre Carvalho Neto e ele assume a responsabilidade, mas registrando isso, com modéstia no prefácio e construindo no seu título a demonstração da pouca ambição de que tinha com a obra chamando-a de Fragmentos.

É o que se vê na dedicação a causa da reforma agrária traduzida nesse livro que hoje está sendo lançado em primeira edição, um inédito de Carvalho Déda, guardado e conservado por Beto, analisado e conservado por Artur, que temia a sua publicação por não saber se ele vivo publicaria, mas que através do romance conta a história da expansão da grande propriedade sobre a agricultura familiar na região de Simão Dias. Ele que escrevera com todas as letras que só uma elite burra deixaria de compreender que a reforma agrária era uma reforma democrática no Brasil dos anos 50.

Um líder político sobre quem eu ouvi tantos elogios do Deputado Djenal Tavares de Queiroz, elogio de um adversário político com quem eu tinha tido um embate muito profundo, mas que buscando uma ponte pra restabelecer o diálogo, valeu-se da memória que guardava de Carvalho Déda. Num episódio de crise na bancada do governo de então, ele comenta numa seção da Comissão de Justiça, “não se fazem mais líderes como antigamente, líder era o avô desse menino. Quando fazia um acordo na Assembléia e Leandro tentava desatar o acordo no Palácio, ele dizia a Leandro ou o acordo, ou a liderança. Só volto para Assembléia como líder se o acordo que eu fiz com os meus pares for respeitado pelo Palácio”.

O exemplo do tribuno que segundo Deputado Djenal Tavares de Queiroz, ficava muito tenso, gaguejava às vezes, traço que Djenal reconhecia em mim, quando discutia com ele, em seções acaloradas da Assembléia Estadual Constituinte.

E eu aqui já me perco em divagações de ordem sentimental e pessoal e devo encerrar esse discurso. Mas antes de encerrar, eu queria dizer mais uma coisa, por muito tempo eu busquei entender que legado esse neto deveria carregar do homem com quem pouco conviveu, mas sobre cuja sombra desenvolveu a vontade de ler, o gosto e a curiosidade pelos textos, o respeito pela atividade intelectual. Pensei muito ao longo desses 48 anos de vida, do momento em que tive alguma consciência de mim mesmo. O que eu carrego do pai da minha mãe? Sei que o talento não é, porque na primeira partilha o juiz de tudo, o Senhor do universo, entregou a Artur e a outros mais preparados do que eu o lote do talento. Quem sabe, entregou-me a cruz da política que agora eu divido com esses Simões Sirineus, que acabo de apresentar aos senhores, Toinho Déda, Prefeito eleito de Simão Dias e João Déda que é sobrinho neto de Carvalho Déda.

Talvez o que eu recebi foi a parte que me cabe desse latifúndio, como diria João Cabral de Mello Neto, foi o minifúndio de quatro letras que formam a palavra Déda e por um certo tempo carreguei como se fora um minifúndio, aquilo que eu depois descobri que era um dos maiores latifúndios que ele podia ter me legado, o seu próprio nome. Um nome que ele deixou para os filhos, para os netos e para os bisnetos.

Pensando sobre o meu passado, minha meninice em Simão Dias, me lembrei de tanta coisa. Quando eu tirava dez num grupo escolar, antes de me elogiar, diziam “mas é neto de Zeca Déda, só pode ser inteligente”. Ninguém elogiava o Marcelo, mas elogiavam Déda como se fora uma obrigação daqueles que descendiam desse homem manter a tradição da inteligência que lhe ostentara com tanto brilho, mas também com tanto trabalho e com tanto esforço.

Com o tempo percebi que por mais que a opção da política obrigue a que nós ultrapassemos os limites da família, a política é uma atividade pública, o campo da política é a ágora, não é a casa da família, é a praça onde estão todos. **Quem media as relações do político para usar a bela expressão de Rana Rent é a vida.** A vida é o elemento de mediação entre os homens que os provoca e os instiga a ser política. Sair da política é exilar-se da vida, o retiro das torres de marfim, como alguns intelectuais, ou do deserto, como alguns monges procuraram. O lugar da política é a ágora, por isso que quando eu tomei posse na cadeira de deputado estadual eu não reivindiquei a minha descendência genética, eu reivindiquei a minha descendência política e proclamei, no primeiro discurso que fiz, que estava ali para dar continuidade ao mandato de Armando Domingues, Deputado do Partido Comunista Brasileiro, que tivera o seu partido posto na ilegalidade e o seu mandato cerceado pelo conservadorismo e pelo autoritarismo da política brasileira.

Proclamara isto há tantos anos atrás, porque compreendia que a dimensão da política é a praça, não é a casa da família. Mas depois, quando assinei a constituição democrática de 1989, a Constituição Estadual, e grafava meu nome no texto constitucional, lembrei-me de que, naquela hora, eu era o neto que repetia praticamente 40 anos depois o gesto do seu avô na redemocratização pós-ditadura de Getúlio. Ele assinara a carta democrática que reedificara a democracia em Sergipe depois do Estado Novo, e eu estava assinando uma carta democrática que reedificara a democracia em Sergipe, depois da ditadura militar e entendi que por mais que a política seja a praça, só prosperam aqueles que sabem de onde vem e que regam as raízes, que lhe põe vivo a sustentar a soberania das suas idéias e a legitimidade dos seus atos.

Por isso, que aproveitei esse momento para tecer memórias íntimas e sentimentais, de um homem que foi ao longo da sua vida, uma referência para os filhos, um exemplo para os netos e um paradigma, ainda hoje, em pleno

alvorecer do século XXI, para todos que buscarem na cultura, no direito, no jornalismo ou na literatura, uma forma de servir a sua gente.

Meu muito obrigado ao prefeito Edvaldo Nogueira, que através da Funcaju se dispôs numa primeira conversa, no dia da inauguração do viaduto, provocou-me sobre a possibilidade da edição dos textos. Meu muito obrigado a Jorge Carvalho, que me procurou para também me questionar, como passaríamos esse ano, tão marcante para história de Zeca Déda, muito obrigado a Luiz Antônio, que com a competência que o distingue, dentro da inteligência sergipana, com o amor que devota a Sergipe, usou os seus talentos para dar forma ao que era apenas uma idéia e a montar esse projeto ambicioso e ao mesmo tempo, singelo de perpetuação da memória de Carvalho Déda.

Muito obrigado a Artur, que finalmente resolveu carimbar e unir o texto de Formiga de Asas, que é uma obra fundamental para compreender o conjunto. E é tão interessante que ele escreveu “Formiga de Asas” e um dos filhos mais jovens vai pro MST, lutar pela reforma agrária. Vê como as coisas são cíclicas, quase na consolidação do nome desse homem. Muito obrigado a todas as minhas tias, a minha mãe, a todos os parentes por permitirem essa conservação do nome da obra de Carvalho Déda.

Muito obrigado ao meu tio, que é o Morubixaba da tribo dos Déda, meu tio Beto, meu tio querido, que no sítio Lagoa Azul, ali no Mosqueiro, promove com frequência verdadeiras pajelanças com os sobrinhos, momentos em que ele abre os arquivos, mostra as fotografias, mostra as obras nos jornais, enquanto tomamos algumas cervejinhas e repetimos um gesto clássico de Zeca Déda que é apreciar um bom charuto. Muito obrigado Beto porque você foi capaz de transformar o amor filial em preservação da obra, em conservação do patrimônio e em perenização do contributo deste homem na vida pública do Estado de Sergipe. E muito obrigado aos senhores, por tolerarem o governador e ainda por cima o neto. Muito obrigado.